
CON(FUNDINDO) ESCRITA E VIDA; GÊNERO E RAÇA: A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA

Anderson Ferrari¹
Érika Kelmer Mathias²

Resumo: Com a proposta do dossiê de colocar sob investigação e escrutínio as relações de gênero, sexualidade, arte e literatura, tomamos o desafio de problematizar alguns efeitos da escrita na obra *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, uma autora negra, que nos convoca a pensar as interseccionalidades entre gênero, raça e classe a partir das histórias da personagem Maria-Nova. Nosso interesse recai no que a autora chama *escrevivência*, com foco no modo como sua narrativa constitui formas de subjetivação tanto da narradora quanto da escritora. Nesse sentido, interessa-nos aspectos sobre como essa con(fusão) opera na escrita e sobre suas implicações políticas e sociais na esfera da produção e da recepção. A principal perspectiva teórico-metodológica que nos orienta são os modos de objetivação que transformam as pessoas em sujeitos, aos moldes de Michel Foucault. Desse modo, ao tomarmos um livro que con(funde) narrativa e vivência, escrita e vida, presente e passado, gênero e raça para provocar o pensamento em torno do que significa ser uma mulher negra, uma mulher escritora negra, no Brasil, propomos um convite para colocarmos sob suspeita como nos tornamos o que somos.

Palavras chaves: Memória. Literatura. Gênero. Subjetivação.

Introdução

O romance *Becos da Memória*, segundo sua autora, Conceição Evaristo, é seu “primeiro experimento em *construir* um texto ficcional *con(fundindo)* escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, 2020, p. 09. Os grifos são nossos). É na prática dessa con(fusão) – “Fui então para o exercício da escrita” (EVARISTO, 2020, p. 11) – que Evaristo passa a experimentar o que futuramente nomeará de *escrevivência*, a escrita da vivência, ou seja, quando as vivências passam a transitar no espaço do discurso e, por conseguinte, a lidar com seu aspecto de construção, visto implicarem articulações e estruturas para se configurarem. Essa não é uma tarefa fácil. Rosa Montero (2019, p. 171) reflete um pouco mais sobre essa dificuldade ao afirmar que a “conexão entre realidade biográfica e ficção é um território ambíguo e pantanoso onde inúmeros autores se meteram”. Não é fácil porque a questão é exatamente saber quando parar, “até onde é lícito contar

¹ Pós-doutor em cultura visual e Educação pela Universidade de Barcelona, Doutor em Educação pela Unicamp. Professor Associado da Faculdade de Educação/UFJF, professor permanente do PPGE/UFJF e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED/UFJF). E-mail: anderson.ferrari@ufjf.br

² Doutora em Letras pela PUC-Rio. Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS/UFJF. E-mail: erika.kelmer@terra.com.br

e até onde não, como lidar com a substância sempre radioativa do real” (MONTERO, 2019, p. 172). Buscando entender essas dificuldades, ela identifica que a “questão, afinal, é a distância: poder analisar a própria vida como se estivesse falando da vida de outro” (MONTERO, 2019, p. 172).

É esse encontro da sua vida como se fosse a do outro que Conceição Evaristo explora em suas memórias de infância ficcionalizadas pela personagem e histórias de Maria-Nova, uma menina de 13 anos que vai construindo as suas experiências e as dos demais moradores da favela através de suas vivências e lembranças. Sabemos, pela voz da autora, tratar-se de um romance de memórias – “Tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória.” (EVARISTO, 2020, p. 11) –, ou seja, um processo construtivo que tentará traduzir para discurso memórias do que se viveu no episódio narrado. No caso de Evaristo, esse processo implica, a nosso ver, dois aspectos: o do texto e o da autora.

O que esse processo entre lembrar (memória) e contar (narrativa) coloca em circulação é uma certa forma de confessar que Michel Foucault (2015, p. 208) caracteriza como própria do cristianismo, do qual somos herdeiros: “obrigação de fazer passar regularmente pelo fio da linguagem o mundo minúsculo do dia a dia, as faltas banais, as fraquezas mesmo imperceptíveis, até o jogo perturbador dos pensamentos, das intenções e dos desejos”. Assim, vamos confessando, pelo menos para nós mesmos, sobre nossos desejos, pensamentos e sentimentos; vamos narrando e dando forma às nossas experiências através desses exercícios de memória, de lembrar e esquecer, de ressignificar e de dar sentido ao que vivemos a partir do presente. Para Henri Bergson (1990, p. 197), o “nosso presente não deve se definir como o que é mais intenso: ele é o que age sobre nós e o que nos faz agir, ele é sensorial e é motor; nosso presente é antes de tudo o estado do nosso corpo”. Estabelecendo uma relação entre presente e passado, o autor define o passado nessa relação sempre com o presente, de forma que o passado é “o que agirá ao inserir-se numa sensação presente da qual tomará emprestada a vitalidade” (BERGSON, 1990, p. 197). A relação entre presente e passado é estabelecida por esse movimento, demonstrando que o importante é esse jogo que vai do presente ao passado e vice-versa numa relação de mão dupla. A memória não seria, assim, uma volta ao passado, mas um “progresso do passado ao presente” (BERGSON, 1990, p. 196). É esse presente como mulher negra escritora que possibilita e define os encontros com o passado, não só lançando outros vieses de lida com ele, mas também reafirmando e redesenhando lugares de enunciação no presente. Vale pontuar que a escritora viveu “vinte anos de espera, depois de frustradas buscas para publicação, em que os originais do livro ficaram guardados na ‘gaveta do esquecimento’” (EVARISTO, 2020, p. 07). Somente depois de *Ponciá Vivência* (2003) que Evaristo conseguiu trazer a público, “celebrar em profundidade e afirmar o nosso direito à festa de *Becos*” (EVARISTO, 2020, p. 07). O livro *Becos da Memória* teve sua primeira edição somente em 2006, pela Editora Mazza, embora estivesse pronto desde 1988.

O romance tem como pano de fundo o processo de desfavelamento em um centro urbano no Brasil, na década de 70, e se estrutura em um entrelaçar de narrativas ouvidas, presenciadas e/ou vividas pela narradora. Apesar de não oficializar o pacto autobiográfico (LEJEUNE, 1975), várias são as menções da autora de que a narrativa de *Becos* trata do período de sua vida e dos que estavam em seu entorno, quando moravam na favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte, e passaram pela agressão físico-social de seu processo de desfavelamento e suas implicações³. Nesse sentido, há uma grande proximidade entre a personagem Maria-Nova, narradora e vivente de *Becos*, e sua “criadora”, a autora do romance e vivente do Pindura Saia. A própria Evaristo fornece pistas explícitas quanto a isso:

Quanto à parecença de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange. (EVARISTO, 2020, p. 12)

O que nos move nessa con(fusão), ou seja, quais os efeitos dessa mistura entre vida, narrativa e literatura para os nossos processos de subjetivação? Esse é o foco de análise deste artigo. Para tentarmos desdobrar as implicações dessa con(fusão), primeiramente nos empenharemos em mapear as camadas temporais que estruturam essa narrativa de modo a entendermos como elas se entrelaçam. A partir daí, pretendemos trabalhar na camada temporal em que a narradora passa a ser a menina Maria-Nova, pois nosso interesse é acompanhar, ao longo dessa camada temporal, como a decisão de contar as histórias suas e dos seus perpassa o processo de subjetivação tanto da narradora quanto da escritora e suas implicações políticas e sociais. Para esses propósitos, vamos nos rastros de Michel Foucault (2014) – para quem são os modos de objetivação que transformam as pessoas em sujeitos –, a fim de problematizar as diferentes formas de subjetivação em nossa cultura. Desse modo, ao tomarmos um livro que con(funde) narrativa e vivência, escrita e vida, presente e passado, gênero e raça para provocar o pensamento em torno do que significa ser uma mulher negra, uma mulher escritora negra no Brasil, propomos um convite para colocarmos sob suspeita como nos tornamos o que somos.

1 Tempo da escrita e tempo das vivências

³ Vide vídeo de gravação realizada em fevereiro de 2017, em Belo Horizonte, em que Conceição Evaristo visita a região em que morou na época do Pindura Saia, lê trechos de sua obra e seus irmãos Altair, Lourdes e Angélica, falam de episódios do passado.

<https://www.itaucultural.org.br/becos-da-memoria-ocupacao-conceicao-evaristo-2017> Acessado em: 18 jun. 2021.

Primeiramente, marquemos os pontos de entrada e de saída do romance. A perspectiva da narradora que inicia o romance – “Vó Rita dormia embolada com ela” (EVARISTO, 2017, p. 15) – não é a mesma da que o finaliza – “Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira” (EVARISTO, 2017, p. 184). Esses pontos também não são os mesmos no que diz respeito ao tempo narrativo.

O ponto de entrada é o tempo presente, do ato de recordar – “*Hoje* a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos” (EVARISTO, 2017, p. 17) – e, por conseguinte, o de escrever – “*Escrevo* como uma homenagem póstuma à Vó Rita” (EVARISTO, 2017, p. 17). É o tempo de uma narradora que sabe porque e para que escreve:

Escrevo como uma *homenagem póstuma à Vó Rita*, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. *Homenagem póstuma às lavadeiras* que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. *Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, à D. Maria, a mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padim.* (EVARISTO, 2017, p. 17. O grifo é nosso.)

Diferente do ponto de saída, que é o tempo da vivência, em que transcorrem as ações e pensamentos da então personagem Maria-Nova em seu último dia na favela:

Naquele dia Maria-Nova levantara cedo, visitara Vó Rita e *andara* para lá e para cá pisando e repisando um chão que tanto tempo *fora* seu. (...) Maria-Nova *contemplou* durante muito tempo o pôr do sol (...) *Tinha* o corpo moído de cansaço (...) *deitou* sobre o colchão rasgado, de barriga para cima. ” (EVARISTO, 2017, p. 182-183. O grifo é nosso.)

Entre esses dois pontos, o/a leitor/a transita entre o que chamaremos aqui de tempo da narradora e tempo da narrativa, ou seja, o tempo daquela que se recorda-escreve e o tempo das vivências. O tempo da narradora se ancora no presente do indicativo, enquanto que o da narrativa, no pretérito imperfeito.

Para entendermos o processo de entrada no tempo da narrativa, podemos pontuá-lo em três etapas, que chamaremos aqui de inicial, de transição e final (que é a entrada propriamente dita). A inicial se dá por uma memória evocada pela narradora acerca de Vó Rita: “Vó Rita dormia embolada com ela” (EVARISTO, 2017, p. 15). Através dessa enunciação, abrem-se os canais da memória, para a narradora, e o discurso, para o/a leitor/a.

Mas essa primeira memória, por estar operando no presente da narradora, no tempo do recordar-escrever – “*Hoje*, a recordação daquele mundo me *traz* lágrimas aos olhos. (...) como tudo

era e é complicado! (...) *Escrevo como uma homenagem póstuma*” (EVARISTO, 2017, p. 17) –, ainda não é o suficiente para deslocar o/a leitor/a. Essa impossibilidade acontece porque, na alternância entre o mundo narrado e o mundo comentado, a atitude comunicativa (KOCH; ELIAS, 20108) centra-se, neste momento, na apresentação de suas reflexões.

A etapa de transição acontece no seguinte enunciado: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.” (EVARISTO, 2017, p. 17). No que diz respeito às categorias discursivas operadas na construção desse período, observamos que a narradora estabelece uma comparação entre dois sintagmas nominais – “homens, mulheres e crianças” e “barracos de minha favela” –, mas ancorados em tempos distintos. O primeiro, no presente, reforçado pelo pronome “mim” – que se refere àquela que *agora* escreve e conta –, faz com que a ação de se amontoar ganhe caráter de comentário da narradora; o/a leitor/a é informado/a de. O segundo, com ancoragem no passado através do imperfeito “eram” – que se refere ao que se escreve e se conta –, faz com que a ação de ser amontoados ganhe caráter de ambientação; o/a leitor/a é deslocado/a para esse *locus* temporal.

É nesse momento que as narrativas das vivências podem começar a operar: “Tio Totó não se conformava com o acontecido.” (EVARISTO, 2017, p. 18). Aqui, o processo de entrada no tempo da narrativa está concluído e o/a leitor/a encontra-se no tempo do desfavelamento, quando Totó “andava inconsolável” (EVARISTO, 2017, p. 18) e conversava com sua última esposa “– Perdi as forças, Maria-Velha.” (EVARISTO, 2017, p. 18). É nessa camada temporal que a narradora passa a ser Maria-Nova, a menina que se tornará, um dia, a narradora de hoje, que se “con(funde)” com a escritora, Conceição Evaristo.

A narrativa das lembranças de Conceição Evaristo na primeira pessoa do singular aciona nossas memórias, também somos convocados a nos lembrar das nossas histórias a partir do que vamos lendo. Esse compartilhamento de memórias nos remete ao que Maurice Halbwachs (1990) chamou de memória coletiva. Mesmo quando lembramos individualmente, trazemos traços das memórias coletivas. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Não é possível a memória sem um outro. No entanto, para que possamos acionar nossas memórias, não “é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem” (HALBWACHS, 1990, p. 26). Essas memórias dão materialidade a uma escrita cuidadosa, preocupada e envolvida numa estética da existência, o que significa dizer que memória e escrita, na obra de Evaristo, dizem de uma certa liberdade possível no fazer-se existir. Inquietar-se consigo mesmo, desprender-se de si e estilizar a vida estão presentes

nessa obra que se aproxima, assim, da estética da existência à moda foucaultiana (FOUCAULT, 2014, 2015). Conceição Evaristo escreve suas memórias e elas escrevem Conceição. Eis sua literatura.

2 Do ouvir ao escrever: percurso rumo à escrita

Maria-Nova nos é apresentada como sendo uma colecionadora de histórias: “Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e as histórias que ouvia. (...) Aquelas histórias ela colecionava na cabeça e no fundo do coração” (EVARISTO, 2017, p. 31-32). O que fazer com sua coleção e o modo de cuidar dela são preocupações constantes de todo colecionador. É atrelado a essa indagação que o nome Maria-Nova aparece, pela primeira vez, na narrativa: “Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não se sabia como, ela *haveria* de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros.” (EVARISTO, 2017, p. 32. O grifo é nosso).

O destino dessa coleção é, portanto, ser contada. E essa ação de contar está permeada, de maneiras distintas, pelos dois tempos que estruturam a obra. No tempo da narradora aparece enquanto certeza, visto ser justamente isso o que ela faz agora (“Escrevo como uma homenagem póstuma”). No tempo da narrativa, aparece enquanto possibilidade, pontuada pelo uso do futuro do pretérito do indicativo (“haveria”) e salientada por mais dois marcadores de imprecisão: “não se sabia como” e “um dia”.

Quem lê, nesse momento, já sabe que ela não só colecionou as histórias que ouviu, como também que o modo como decidiu contá-las foi a escrita. Mas não sabe como se deram essas tomadas de decisão nem o que as motivou. Não sabe qual foi o percurso entre a ação de ouvir e a de escrever.

Vários são os caminhos para percorrer esse trajeto ao longo da narrativa. Escolhemos, aqui, o de acompanhar a transformação semântica dos verbos que orbitam em torno da ação de colecionar histórias e suas implicações com a ação de contá-las um dia.

No início da narrativa, a ação de ouvir é a preponderante e pode ser confirmada em diferentes enunciações: “Por isso ela ouvia tudo tão atentamente” (EVARISTO, 2017, p. 32); “as histórias que ouvia” (EVARISTO, 2017, p. 32); “Gostava de ouvir as histórias que as mulheres, às vezes, contavam baixinho.” (EVARISTO, 2017, p. 42); “só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para entender” (EVARISTO, 2017, p. 53). E seus principais contadores eram Bondade, Tio Totó e Maria-Velha: “Maria-Nova tinha em Bondade outro contador de histórias” (EVARISTO, 2017, p. 37); “Havia muito que Bondade não contava história nenhuma para Maria-Nova. Tio Totó contava sempre, Maria-Velha também. A tia contava as dela e as da irmã Joana” (EVARISTO, 2017, p. 53). Maria-Nova não é, ainda, uma contadora. É uma ouvinte que precisa ouvir o outro para entender. É interessante pontuar, todavia, que a ação de

entender já lhe é constituinte enquanto desejo; ela quer entender – “pedia mais e mais aquela história.” (EVARISTO, 2017, p. 63).

A postura de somente ouvinte começa a ganhar traços de mais autonomia à medida em que a menina vai crescendo, quando a semântica atrelada à ação de colecionar histórias começa a se ampliar e temos verbos como intuir e perceber sendo acrescidos a essa cadeia de significantes: “à medida que Maria-Nova crescia, ela ia intuindo” (EVARISTO, 2017, p. 53); “muitas coisas ela percebia” (EVARISTO, 2017, p. 53). Até que uma nova ação se incorpora ao processo da menina, que é a de ler. Não mais ler no sentido metafórico – “ia lendo as histórias nos olhos, na expressão linda e triste da mãe” (EVARISTO, 2017, p. 53) –, mas de ação social letrada – “Era, talvez, por isso o seu grande desejo e esforço para que os filhos aprendessem a leitura. Todos foram para a escola. (...) Maria-Nova crescia, lia, crescia” (EVARISTO, 2017, p. 64).

A partir de então, o eixo semântico do colecionar histórias se amplia e passa a oscilar em meio a novas ações: ler, aprender, testemunhar, assistir, olhar, ver, comparar, concluir: “Maria-Nova, à medida que aprendia, se tornava mestra dos irmãos menores e das crianças vizinhas” (EVARISTO, 2017, p. 64); “as que ela testemunhava no dia a dia da favela” (EVARISTO, 2017, p. 69); “Maria-Nova assistia pela janela do barraco de Filó Gazogênia à passagem da mulher (...) Olhou a mão da mulher” (EVARISTO, 2017, p. 109); “lia muito. Lia e comparava as coisas. Comparava tudo e sempre chegava a algum ponto. (...) única aluna que chegava às conclusões. (...). Ela queria ver tudo” (EVARISTO, 2017, p. 110).

É na articulação dessas ações que a sua questão central reincide ao longo da narrativa – “Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como.” (EVARISTO, 2017, p. 37); “Sabia de vidas acontecendo no silêncio. (...) Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como? (EVARISTO, 2017, p. 76) – e se entrelaça em seu próprio processo de subjetivação, pois ser alguém que conta essas vidas, que não deixa essas vidas se perderem na memória histórica, implica tomar uma posição na trama social. O compromisso parecer ser consigo mesma e com os outros. Para Foucault (2014), somos sujeitos de experiências, somos capazes de produzir discursos sobre nós mesmos a partir daquilo que elegemos como nossas experiências de subjetivação. É interessante que essa tomada de consciência de um vir a ser se dá diante do contato com vivências e narrativas de morte. Ao presenciar a morte de Filó Gazogênia e constatar que um dia seria velha, indaga-se: “o que seria quando crescesse?” (EVARISTO, 2017, p. 110). É a primeira vez que ela se projeta em um futuro com o verbo ser. Um futuro que é seu, mas não só, pois já atrelado à vida dos seus, como lhe diz, um dia, tio Tatão: “A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos.” (EVARISTO, 2017, p. 111).

Seguida dessa experiência com a morte de Filó Gazogênia, Maria-Nova ouvirá a última história contada por tio Totó: a morte de Nega Tuína, sua segunda mulher. Já enquanto sujeito que não só ouve, mas também aprende, testemunha, assiste, vê, lê, compara, conclui, Maria-Nova toma cada vez mais certeza de que precisa agir de algum modo no seu entorno: “ao ouvir Tio Totó narrando a passagem de Nega Tuína, tinha a cabeça em dores. Era como se tudo fosse arrebentar dentro dela. (...) sentia que era preciso modificar a vida, mas como?” (EVARISTO, 2017, p. 135). É nesse ponto que o aspecto de transformação começa a integrar a cadeia de significantes verbais de Maria-Nova no que diz respeito à sua questão central. Exemplos desses verbos são modificar e arrumar: “*É impossível que tudo acabe assim, pensou a menina. Vida. É preciso, não sei como, arrumar uma nova vida para todos.*” (EVARISTO, 2017, p. 136).

Maria-Nova vislumbra uma resposta para sua questão central em um episódio na escola, quando o verbo contar ganha caráter de certeza – “levantou-se dizendo que (...) ela teria para contar muitas vidas” (EVARISTO, 2017, p. 149) – e começa a se estruturar na ação de escrever – “quem sabe escreveria esta história um dia?” (EVARISTO, 2017, p.151).

Analisemos o episódio em mais detalhe. A menina havia tido, na aula de História, a matéria “Libertação dos Escravos”. É interessante pontuar que, pela primeira vez, ela não teve perguntas a fazer – “permaneceu quieta e arredia” (EVARISTO, 2017, p. 149) –, pois, em relação ao tema, não tinha sobre o que perguntar, mas o que contar – “Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria” (EVARISTO, 2017, p. 150). Tinha para contar o que não estava nas palavras que ela havia escutado da professora nem no texto que havia lido no livro, ou seja, o que até então tinha sido dito e escrito por um outro, cuja narrativa de libertação poderia ser contestada, visto ela ter “para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida” (EVARISTO, 2017, p. 150).

Nesse episódio, os papéis se invertem pela primeira vez na vida de Maria-Nova e ela ensaia ser sujeito de enunciação – “A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes”. Mas a menina não consegue, ainda, pois não sabe a forma de o fazer. Ela fita, tenta falar, pensa, reconhece – “fitou a professora, fitou seus colegas (...) Fitou a única colega negra da sala (...). Tentou falar. (...) Pensou em tio Totó (...) Pensou em Negro Alírio e reconheceu que ele agia querendo construir uma nova História.” (EVARISTO, 2017, 150) – e, como era alguém que comparava e chegava a conclusões, conclui que “era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto.” (EVARISTO, 2017, 150-151). Todavia, dessa vez, ela finalmente ensaia responder à questão sobre como contar, atrelando a ela a ação de escrever – “Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e

gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente.” (EVARISTO, 2017, p. 151). Essa ação será confirmada, de modo derradeiro, no contexto de mais uma morte, a de Cidinha-Cidoca: “O pensamento veio rápido e claro com um raio. Um dia ela iria tudo escrever.” (EVARISTO, 2017, p.160).

Com essa tomada de decisão, ela se compromete com a vida através da escrita enquanto ferramenta de transformação e atuação: “Tinha um compromisso com a vida e não podia recuar.” (EVARISTO, 2017, p. 172); “Olhou a tia, Maria-Velha, a mãe e os irmãos, e sentiu que era preciso caminhar junto com eles, arrumando, consertando, melhorando, modificando a vida.” (EVARISTO, 2017, 177). E é com essa certeza que ela vivencia o último episódio de morte na narrativa:

Olhou novamente Negro Alírio. Quis falar com ele sobre o que ela já tinha decidido. Calou, sabendo, entretanto, que iria adiante como ele. Sim, ela iria adiante. Um dia, agora ela já sabia qual seria *a sua ferramenta, a escrita*. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia *escreveria a fala* de seu povo.” (EVARISTO, 2017, p. 177. O grifo é nosso)

A escolha dessa linguagem discursiva como forma de atuar no mundo implica seu modo de ser sujeito nesse mundo: uma escritora. Escritora não como categoria – aquele/a que escreve –, mas como sujeito implicado em seu agir: “escreveria a fala de seu povo”. Com esse compromisso, a con(fusão) entre Maria-Nova e Conceição Evaristo coloca em evidência o lugar de onde fala essa escritora: uma mulher negra brasileira. Pontuar algumas condições e efeitos desse agir é a tônica que nos interessa a partir de agora.

3 A *escrevivência* de uma mulher negra e seus efeitos

Quais as condições de emergência da *escrevivência* de Conceição Evaristo? Quais os desafios e potencialidades da con(fusão) entre lembrar e esquecer de uma mulher escritora negra? Como literatura se mistura com gênero e raça? No início da obra, quando a autora busca recuperar as motivações para a escrita, ela afirma: “invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2020, p. 11). A potência da escrita de Conceição Evaristo parece estar na maneira como ela opera essa invenção. Sua especificidade está no modo singular com que articula objeto e sujeito da escrita. Nessa invenção, seu objeto de escrita (os seus, seu povo) se torna, de certo modo, ele também, sujeito de enunciação, pois Evaristo, para escrever, diz buscar “a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha” (EVARISTO, 2020, p. 11). Ela escreve a partir do presente, da sua posição como mulher negra num país de herança escravista

e, portanto, marcado pelo racismo e pelo patriarcado. Nesse sentido, podemos pensar que a *escrivência* que con(funde) a identidade de Maria-Nova com a de Conceição Evaristo é importante para construir um sentido da escrita como resistência.

Resistência que é parte das relações de poder; que é uma força nas relações de poder, as quais “existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças, na família” (FOUCAULT, 2015, p. 226). Não há poder sem resistência. O que o autor nos convida a pensar é que, em nossa sociedade, “há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo” (FOUCAULT, 2015, p. 226). As resistências dizem dessas possibilidades de microlutas e de enfrentamentos no cotidiano, propondo rupturas. É nessa esteira que entendemos a experiência de escrita de Conceição Evaristo, cuja leitura pode flertar com um convite para que outras mulheres narrarem suas histórias, que evoquem suas lembranças para se constituírem como sujeitos a partir de suas memórias. O que Conceição Evaristo nos ensina é que as mulheres podem e são capazes de se autodefinirem; um tipo de postura advinda do movimento feminista como uma advertência: deixe que nós mulheres falemos por nós mulheres.

Nessa corrente de pensamento, a feminista Patrícia Hill Collins (2019), ao analisar o pensamento feminismo negro e o poder da autodefinição, chama atenção para o fato de que, para sobreviver, as mulheres negras tiveram que permanecer vigilantes. Uma vigilância que teria um duplo efeito sobre essas mulheres. Por um lado, essa vigilância exigia que as mulheres negras buscassem conhecer e se familiarizar com a linguagem e atitudes do opressor e, por outro lado, que elas escondessem seus pontos de vista dos “olhos curiosos dos grupos dominantes” (COLLINS, 2019, p. 271). Embora a autora esteja se referindo às mulheres negras estadunidenses, podemos supor que essa vigilância se estendeu para outros contextos, como é o caso do enfrentamento das mulheres negras brasileira. O importante nessa análise é que Patrícia Hill Collins parte dessa constatação para afirmar o poder dessas mulheres em resistir e em construir caminhos de enfrentamento seguros, destacando que, há muito tempo, já ocorriam atos de resistências dessas mulheres, tanto de maneira organizada quanto anônima e individual.

A narrativa de Conceição Evaristo parece brincar com esse duplo sentido da vigilância. Ao mesmo tempo em que se apropria da linguagem do opressor, ela também propõe um outro ponto de vista a partir da sua posição de sujeito como mulher negra. Com isso, estamos entendendo que as relações de gênero em seus atravessamentos com raça produzem saberes e posicionam os sujeitos, vão constituindo sujeitos mulheres e sujeitos mulheres negras. Para Foucault (2014; 2015), quando nascemos, já chegamos num mundo discursivamente organizados, de maneira que somos mais resultados desses discursos do que propriamente produtores/as deles.

Um desses discursos que nos constituem, antes mesmo de nascermos, são os de gênero. Segundo Joan Scott (2019), o gênero é um organizador social, de tal forma que ele é uma das primeiras identidades que nos enquadra e nos marca. Vamos produzindo sentido para nossas experiências e para nossas memórias a partir dessa posição de sujeito, a partir daquilo que entendemos que somos, o que nos coloca o desafio de investigar nossas formas de pensar e agir, ou seja, de pensarmos sobre os discursos que nos constituem e quais formações discursivas são acionadas para que possamos dar sentido às nossas palavras.

O que estamos supondo é que essas posições de sujeitos exibem as vontades de verdade que se apresentam na obra de Conceição Evaristo como resistência, já que, como destaca Foucault (2004), a produção discursiva é fiscalizada, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que buscam determinar o que pode ser dito, em que momento e por quem. Durante muito tempo, a literatura oficial não era espaço feminino; tampouco era ocupado por mulheres negras. Mas, também há um bom tempo, essas mulheres, antes excluídas dessas produções, estão reivindicando esses lugares como espaços seguros para produção de outras formas de pensar, agir, ser e estar no mundo. Dizer que Conceição Evaristo escreve a partir da posição de sujeito de uma mulher negra brasileira é reconhecer que essa posição se inscreve numa luta e resistência ao poder pela proposição de outra forma de contar e lembrar, entendendo o discurso como espaço de luta, espaço onde poder e saber se con(fundem) (FOUCAULT, 2004).

Lembrar, escrever e fazer lembrar pela personagem Maria-Nova faz com que essas vozes possam ser entendidas como de sobreviventes e não de vítimas. Dessa forma, Conceição Evaristo se aproxima de um movimento de intelectuais negras que problematizam esse espaço do privado e muitas vezes encoberto que são as lembranças, as ideias e o pensamento da mulher negra. “Pensar novas epistemologias, discutir lugares sociais e romper com uma visão única não é imposição – é busca por coexistência” (RIBEIRO, 2018, p. 26-27). São esses espaços de lembrança e de troca que permitem às mulheres negras aguentarem e, principalmente, superarem as desigualdades e opressões de gênero, raça e classe. Seguindo as trilhas de Djamila Ribeiro (2018) e de Patrícia Hill Collins (2019), podemos sugerir que as vozes de mulheres negras, como a narrativa de Conceição Evaristo, sugerem que “existe um ponto de vista autodefinido e de grupo de mulheres negras” (COLLINS, 2019, p. 273), o que é essencial para a presença e a existência de outras mulheres. Esta é uma luta recorrente das mulheres negras: ocupar o lugar de fala e usar toda extensão de sua própria voz para dar vida às suas experiências e existências.

Nesse sentido, o contexto de construção social que serve de cenário para o livro – a favela – também é importante para investir na ideia de espaços seguros para as mulheres negras. “Espaços seguros” é um conceito desenvolvido pela feminista negra Patrícia Hill Collins (2019) para pensar espaços em que as mulheres produziam um conhecimento próprio e em que podiam compartilhar

suas experiências sem correrem riscos. “Em termos históricos, os espaços seguros eram ‘seguros’ porque representavam lugares nos quais as mulheres negras podiam analisar assuntos que as preocupavam livremente” (COLLINS, 2019, p. 289). Nessa linha de raciocínio, a autora define três espaços seguros para as mulheres negras: as famílias estendidas, a música e a literatura. Espaços em que as vozes das mulheres emergiam e davam vida às suas memórias e experiências para outras mulheres. É no aspecto de famílias estendidas que a favela da narrativa pode ser compreendida como o local em que as mulheres se apoiam, se fortalecem e estabelecem uma ideia de comunidade de mulheres negras moradoras de favela, constituindo um sentido de família ampliado envolvendo tias, vizinhas, comadres e avós. Temos vários exemplos disso na narrativa de Evaristo: a relação de cuidado de Vó Rita com a Outra; os momentos de cumplicidade entre as mulheres na torneira pública – “Gostava de ouvir as histórias que as mulheres, às vezes, contavam baixinho” (EVARISTO, 2017, p. 42) –; o momento em que Ditinha é acolhida por todos na hora de partir – “Que bom, Ditinha havia voltado! (...) Abanou a mão para Vó Rita, que lhe enviava um grande beijo” (EVARISTO, 2017, p. 171) –; a solidariedade no momento da morte, como no caso de Filó Gazogênia; e outros. O próprio tratamento destinado à Rita – Vó – é bastante revelador dessa noção de família estendida, visto a mulher Rita não ter nenhuma relação parental com os/as moradores/as da favela e, ainda assim, ser tratada por todos/as ali com o respeito, a admiração e a deferência de uma avó. Vó Rita era a Vó da favela.

É desse espaço seguro que a narradora-personagem vislumbra um outro: o da literatura. “Se a dominação pode ser inevitável como fato social, é improvável que ela permaneça hegemônica como uma ideologia no interior dos espaços sociais em que as mulheres negras falam com liberdade” (COLLINS, 2019, p. 276). Daí a importância desses espaços seguros, pois são deles que outros discursos podem emergir. No caso de *Becos*, ao narrar as dinâmicas sociais na favela e seus encontros com o exterior, a narrativa da autora nos faz olhar para esse contexto no atravessamento com o tempo a partir da resignificação do passado no presente, de maneira que, com essa estratégia discursiva, a autora propõe outra forma de vida, bem ao encontro do que seriam os espaços seguros, como “um mecanismo entre muitos, desenhado para promover o empoderamento das mulheres negras e aumentar nossa habilidade de participar de projetos de justiça social” (COLLINS, 2019, p. 289).

Podemos entender que essa é uma força da literatura de Evaristo, que, ao tomar o ato de lembrar e escrever como uma intencionalidade, instaura um novo modo discursivo o qual ela denomina *escrevivência*, através do qual ela enuncia, compondo mais um voz – con(fundida) com a de tantos/as que teriam sido silenciados/as – na trama social. Não por acaso Foucault chama essa intencionalidade de “centralidade estratégica”, algo como uma “experiência de des-ordem, ou a

instauração de uma ruptura: uma matriz de mudança, um operador de metamorfose” (FOUCAULT, 2016, p. 15).

Considerações finais

O foco deste trabalho foi tentar articular aspectos do processo de subjetivação da narradora e da escritora de *Becos da memória* a algumas de suas estratégias discursivas, assim como efeitos da literatura oriunda dessa articulação no que concerne certas implicações políticas e sociais. Nesse sentido, nosso foco recaiu no âmbito da produção e da recepção do evento literário.

Concordando com Siegfried Schmidt (1998) de que o sistema literário se estrutura na articulação das esferas da produção, da mediação, da recepção e do pós-processamento e de que o evento literário enquanto ação comunicativa só se dá na movimentação dessas quatro esferas, não poderíamos encerrar este texto sem algumas considerações sobre o âmbito da mediação da obra.

De acordo com Schmidt (1998), a esfera da mediação consiste na “aproximação” entre o texto e o/a leitor/a. Exemplos desses agentes podem ser as mídias (gerais e específicas), as festas literárias, o/a professor/a entre outros. Interessa-nos, aqui, a figura do/a professor/a nessa esfera, sobretudo o/a professor/a de literatura atuante na Educação Básica, comprometido/a com a promoção do letramento literário no ambiente escolar, sobretudo no aspecto da ampliação de repertório dos/as alunos/as (PAULINO; COSSON, 2009).

Assim como cada texto literário apresenta estruturas singulares, cada leitor/leitora reage de modo distinto quando em interação com um texto. Essa diferença de reação ocorre justamente por conta da variação de repertório dos/as leitores/as frente ao repertório apresentado pelo texto (ISER, 1996), o que não significa dizer que leituras e interpretações sejam completamente de ordem subjetiva, visto o repertório do texto formar “uma estrutura de organização de sentido” cuja otimização depende “do conhecimento do leitor e de sua disposição de aceitar uma experiência que lhe é estranha” e “das estratégias do texto, que, como potencial orientador, projetam os caminhos da atualização” (Iser, 1996, p. 156). Quando o texto “despragmatiza as convenções literárias” (ISER, 1996, p. 115), o/a leitor/a é forçado/a a tomar uma posição frente a esse texto; a inserir, no processo da leitura, as informações sobre os efeitos nele/a provocados e, nesse jogo interativo, comunicar-se, de fato, com o texto lido. Podemos dizer que, no processo de ampliação de repertório, opera um jogo de deixar se afetar pelo texto e também afetá-lo não somente ao atualizá-lo, no ato da sua leitura, como também ao passar a integrar os efeitos de leitura promovidos nessa interação quando na interação com outros textos.

Entendemos que é nessa dinâmica de ampliação de repertório que o/a professor/a deve se inserir enquanto agente, na esfera da mediação, para a promoção do letramento literário dos/as

alunos/as. Nessa esteira, acreditamos ser interessante aproximar esse papel do/a professor/a da “centralidade estratégica” de que fala Foucault, de modo a fazer conhecer, ou seja, a mediar, experiências outras de leituras literárias no ambiente escolar; que voltam ao lembrar e ao escrever enquanto espaços de experiências. Não como simples experiência individual, em que o sujeito a precede, mas sim uma experiência em que o sujeito se forje nela, potencializando a sala de aula, o trabalho com a literatura e a escola como espaços de passagem, como território delicado e sensibilizado para aquilo que nele acontece, que produz afetações nos/as alunos/as, que os/as inquieta e, assim, imprime-lhes rastros, vestígios e efeitos.

Não por acaso, Conceição Evaristo encerra o texto sobre a construção do livro nos convocando a pensar outras histórias produzidas que possam inspirar a construção de outros testemunhos e ficção: “e continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da memória* acabou e *acabou*. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções” (EVARISTO, 2020, p. 12). Este é o convite: que possamos pensar e produzir outras narrativas e outros testemunhos a partir do que lemos e compartilhamos com essas leituras.

Con(fusing) the act of writing and life; gender and race: literature as a resistance strategy

Abstract: With the proposal of the dossier to put the relations of gender, sexuality and literature under investigation and scrutiny, we took on the challenge of problematizing the effects of a certain confusion or mixture between life and narrative in the work *Becos da Memória*, by Conceição Evaristo. She is a black author who invites us to think about the intersectionalities among gender, race and class based on the stories of the character Maria-Nova. Our interest lies in what Conceição calls “escrevivência” (the act of experiencing life through writing), focusing on how her narrative builds up ways of subjectification for both the narrator and the writer. We are interested in aspects of how this (con)fusion takes place in the process of writing and its social and political implications in the fields of production and reception. The theoretical-methodological perspective that guides us are the ways of objectification that transform people into subjects, according to Foucault’s concepts. Thus, we take a book that (con)fuses narrative and experience, writing and life, present and past, gender and race to provoke thinking about what it means to be a black woman, a black writer woman in Brazil. By doing so, we propose an invitation to put under suspicion how we become what we are.

Keywords: Memory. Literature. Gender. Subjectification.

Referências

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 271-312.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004

_____. O Sujeito e o Poder. In: FOUCAULT, M. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118-140.

_____. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. **A grande estrangeira**: sobre literatura. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol.1. São Paulo: Ed.34, 1996.

KOCK, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2018.

MONTERO, R. **A ridícula ideia de nunca mais te ver**. São Paulo: Ed. Todavia, 2019.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (orgs.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-82.

SCHMIDT, S. J. "A systems-oriented approach to literary studies". In: **Systems**: new paradigms for human sciences. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1998, p. 646-667.